



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

GISELE DIAS DA SILVA

**As Possíveis Contribuições dos Psicodramas Públicos
para a Subjetividade Contemporânea.**

São Paulo
2021



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

GISELE DIAS DA SILVA

As Possíveis Contribuições dos Psicodramas Públicos para a Subjetividade Contemporânea.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof^a Dr^a Flávia Arantes Hime

São Paulo
2021

*Resistir ao lado das pessoas que a gente gosta,
deixa a luta mais suave, a gente não quebra, entorta.*

*As lágrimas ficam filtradas,
O suor mais doce e o sangue mais quente.*

*E sem que a gente perceba, percebendo,
as coisas começam a mudar à nossa volta.*

*E aquele sonho que parecia impossível,
acaba virando festa, enquanto a gente revolta.*

Sérgio Vaz

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que ainda sonham e lutam...

As Possíveis Contribuições dos Psicodramas Públicos para a Subjetividade Contemporânea.

7.07.05.02-0 – Processos Grupais e de Comunicação

Orientanda: Gisele Dias da Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Flávia Arantes Hime

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as características das subjetividades contemporâneas a partir da teoria do sociólogo Z. Bauman e refletir como os psicodramas públicos podem contribuir no resgate da espontaneidade, fortalecimento/construção de vínculos e tomada de consciência de questões de interesses coletivos. A subjetividade humana é constituída por diversos fatores históricos e, para compreendê-la, foi feito um breve levantamento sobre a modernidade e a pós-modernidade para apontar as particularidades de cada período histórico e as afetações geradas nas vivências humanas. Para pensar e analisar o comportamento e as relações humanas contemporâneas, foi realizada uma análise documental da obra “Cidade Subjetiva” (2003) onde são mostradas cenas de diversos psicodramas públicos realizados no município de São Paulo em março de 2001, propostos pela então prefeita Marta Suplicy com o objetivo promover reflexões relacionadas a ética e a cidadania. A partir das cenas vistas sob um olhar do conteúdo teórico apresentado, é possível apontar algumas particularidades presentes nos indivíduos contemporâneos como a insegurança em relação aos espaços públicos e às outras pessoas da comunidade, fragilidade nas relações interpessoais fora do núcleo familiar e a dinâmica temporal da falta de tempo, etc. Por fim, percebeu-se que os sociodramas conseguiram provocar um início de um processo de conscientização e de constituição de vínculos entre os cidadãos, além de favorecer o surgimento de propostas coletivas concretas visando a transformação dos significados atribuídos aos espaços públicos e privados.

Palavras chaves: psicodramas públicos, Zygmunt Bauman, subjetividade contemporânea.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O PROJETO DA MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE	8
2.1 Modernidade.....	8
2.2 Pós-modernidade.....	11
3. SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA - IMPORTÂNCIA DE SEU ESTUDO ..	13
3.1 Individualismo.....	13
3.2 Relações efêmeras.....	14
3.3 Eu e o outro.....	16
4. PSICODRAMA	18
5. MÉTODO.....	24
5.1 Discussão e resultados encontrados.....	25
5.1.1 Resumo.....	25
5.2 Resultados.....	25
5.3 Primeiro sociodrama.....	26
5.3.1 Primeiro momento.....	26
5.3.1.1 Segundo momento.....	26
5.4 Análise e discussão do psicodrama público da Freguesia do Ó.....	27
5.5 Segundo sociodrama.....	30
5.5.1 Primeiro momento.....	30
5.5.1.1 Segundo momento.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7. REFERÊNCIAS:	34

1. INTRODUÇÃO:

*Todas as cartas de amor são ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
ridículas.
Fernando Pessoa*

A frase do Fernando Pessoa me faz pensar em todo meu processo de criação do TCC. Primeiramente montei o projeto de pesquisa com um tema bem diferente e interessante, mas que não fizeram meus olhos brilharem de entusiasmo. Ao longo do semestre letivo, tive uma ideia “ridícula” de criar um projeto que abordasse sobre os psicodramas públicos/sociodramas mesmo com o prazo de entrega apertado. Acredito na enorme potencialidade nos trabalhos e manejos grupais, é uma área que tenho uma grande paixão em pesquisar, ler e conversar.

A minha jornada com o psicodrama iniciou-se em 2018 quando estudei e escutei esse nome pela primeira vez na graduação de psicologia. Lembro que não fiquei muito animada no começo, mas aos poucos fui me encantando cada vez mais com a teoria e as técnicas desenvolvidas por J. L. Moreno. A história de sua criação, o trabalho humanizado e a visão de sujeito do psicodrama me fascinaram, e desde então, sonho em um dia ser psicodramatista.

Dentro da abordagem, os psicodramas públicos se destacaram ainda mais em meus interesses de estudos. Os alunos de psicologia ouvem falar das existências desses encontros em algumas instituições, mas sem muitos detalhes ou reflexões aprofundadas. Após ler alguns artigos e alguns capítulos de livros que abordavam os psicodramas públicos, compreendi e descobri a sua história, importância e as contribuições que são fornecidas para a comunidade e que muitas vezes não são debatidas, assim, muitos pensando erroneamente que esse recurso pode se “igualar” a uma dinâmica em grupo.

O trabalho tem como objetivo abordar as possíveis contribuições dos psicodramas públicos para a subjetividade contemporânea. Ao falar dessa subjetividade, foi recorrido aos conceitos propostos por Bauman (sociólogo polonês) para caracterizá-la a partir de cenas de alguns psicodramas públicos gravados no documentário “Cidade Subjetiva” (2003).

Esse trabalho possui relevância pessoal, acadêmica e social. Pessoal por se tratar de psicodramas públicos; acadêmica porque há poucos estudos/trabalhos acadêmicos e/ou científicos relacionados ao tema, assim contribuindo para a disseminação desse estudo; e social por se tratar de um estudo com grupos e as dinâmicas relacionais estabelecidas no convívio cotidiano em uma cidade tão diversa e desigual como São Paulo.

2. O PROJETO DA MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

*Zona sul é o invés, é stress concentrado
Um coração ferido, por metro quadrado
(Racionais MC's – Vida Loka Parte 2)*

A pós-modernidade é um conceito amplo, de difícil definição e que possui nomenclaturas diferentes de acordo com a preferência de cada autor: pós-modernidade, modernidade líquida e modernidade tardia, entre outros. Esse período surgiu após o projeto da modernidade se mostrar ineficaz diante dos novos acontecimentos e transformações em diversos setores sociais e, assim, chega a crise da modernidade.

Devido às consequências do pós guerra¹ afetarem diversas nações em paralelo com a desilusão com o projeto de modernidade, no séc. XX surgiu a pós-modernidade que gerou mudanças em diversos setores sociais. Entretanto, se faz necessário uma apresentação prévia sobre a modernidade, premissas e a época de sua crise por razões pedagógicas.

2.1 Modernidade

Inicialmente a palavra *modernus* serviu para uma compreensão do “presente” cristão em relação a um “passado” não cristão no século V e, assim, desde então essa expressão ficou associada a uma descontinuidade do novo diante do antigo (HABERMAS, 2001).

No artigo de Costa (2004), é discutida a concepção de modernidade e algumas características pontuadas por autores pós-modernos: “Ordem, progresso, verdade, razão, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura da realidade, grandes narrativas, teorias universalistas [...]” (p. 83). Trata-se de um período em que havia uma confiança nos ideais iluministas, sendo a autonomia intelectual um dos projetos modernos em maior evidência (BEZERRA, 2007).

A universalidade, individualidade e autonomia foram os elementos essenciais para o projeto de sociedade moderna: universalidade para todos os seres humanos; individualidade no sentido de todas as pessoas serem consideradas concretas e não

¹ Ao longo do século XX ocorreram diversos conflitos espalhados pelo globo, entretanto a autora se refere mais especificamente à 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

participantes de coletividades com valor positivo à individualização ascendente; e autonomia para que todos sejam capazes de pensarem por si próprios, sem a tutela de instituições como religião e outras, e agirem e também conquistar pelo seu trabalho bens e serviços fundamentais (ROUANET, 1993).

A superação de um passado tradicional só foi possível através do Iluminismo² e com a razão sendo um dos pressupostos essenciais: “A filosofia nomeada como guardiã da razão compreende a modernidade como uma filha do Iluminismo” (HABERMAS, 2001, p. 170). E é nesse momento que a razão deve se responsabilizar e abarcar todas as tarefas que anteriormente foram de responsabilidade da tradição, mitos e à metafísica clássica (BEZERRA, 2007).

O conceito clássico para modernidade foi abordado por Hegel e continuou sendo trabalhado por Marx, Weber e entre outros teóricos (HABERMAS, 2001). Segundo o mesmo autor, o período moderno teve início no Renascimento, que ficou marcado pela decadência dos feudos na Idade Média³; também a Revolução Francesa⁴ e Iluminismo foram decisivos nessa oposição ao passado (2001). E por ser o oposto, buscou-se apoio na razão (HABERMAS, 2001).

Em A Condição Pós-moderna, Harvey (2008) discute que:

O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade serem reveladas (HARVEY, 2008, p. 23).

Uma das grandes premissas do pensamento iluminista era o progresso humano. Além disso, era receptivo às descobertas científicas, às diversas mudanças e às transitoriedades como uma conjuntura importante para o funcionamento do projeto de modernidade; também havia uma busca do êxito individual em nome do progresso humano (HARVEY, 2008).

Rouanet (1987) em Razões do Iluminismo, destaca que Max Weber compreende que, desde o século XVIII, a modernidade é resultado da racionalização que se desenrolou no Ocidente e impacta a modernização da sociedade e da cultura.

² Iluminismo: movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII.

³ Idade Média: período histórico da Europa ocorrido entre os séculos V e XV.

⁴Revolução Francesa: período revolucionário na França entre 1789 a 1799 que finalizou o Absolutismo.

Os impactos da modernização da sociedade consolidaram a economia capitalista, o Estado Moderno e o desencanto do mundo (ROUANET, 1987). Em suma, o projeto civilizatório de modernidade tinha a intenção de elaborar uma ordem social e política norteada pela razão universal (BEZERRA, 2007).

Esse período estreou novas formas de produção e consumo. Com o surgimento da Revolução Industrial, o capitalismo industrial é referência na organização da sociedade (SÁ, 2006). Para esse mesmo autor, a mecanização e as invenções científicas são sinônimos de progresso na modernidade; o racionalismo fica em busca desse progresso e a industrialização é influenciada por modelos de trabalhos como o taylorismo⁵ (2006).

O individualismo, universalismo e a autonomia intelectual segundo Rouanet (1993) apresentavam uma crise no que se entende como os principais pressupostos de projeto de civilização moderna. Para o autor, o individualismo foi “sabotado” pelo surgimento de diversos particularismos de vários segmentos como culturais e religiosos por exemplo; a individualidade se encobriu pelo anonimato conformista e pelas formas de consumo; e a autonomia intelectual com a proposta da emancipação humana foi afetada com o reencantamento do mundo⁶ (1993).

Segundo os autores, o pensamento e a proposta moderna entraram em processo de declínio principalmente após a segunda guerra mundial. Então, entre as décadas de 50, 60 e 70 foi-se estabelecendo o que ficou conhecido como pós-modernidade.

2.2 Pós-modernidade

Como apresentado anteriormente, a pós-modernidade é um conceito de difícil caracterização e até mesmo com uma certa ambiguidade. Harvey (2008, p. 47) descreve essa questão: “Os sentimentos modernistas podem ter sido solapados, desconstruídos, superados ou ultrapassados, mas há pouca certeza quanto à coerência ou ao significado dos sistemas de pensamento que possam tê-los substituído”.

⁵ Método de produção criado por Frederick Taylor (1856-1915) nos Estados Unidos.

⁶ O retorno à tradição que anteriormente havia sido “abandonada” pelo projeto de modernidade.

O termo “pós-moderno” para Lyotard (1986 *apud* FEATHERSTONE 2001, p. 25) não é adequado, pois transmite uma ideia de periodização histórica, seguindo, assim, um ideal clássico ou moderno. Featherstone (2001) aponta que falar em pós-modernidade é sugerir uma modificação ou “pausa” da modernidade, com isso surgindo uma nova totalidade social vigente.

Lyotard (2009) em sua obra intitulada “A condição pós-moderna”, apresenta que na pós-modernidade há uma incredulidade diante dos metarrelatos; o uso da palavra “pós-moderna” ganha popularidade no continente americano por sociólogos e críticos. Lyotard enfatiza que o uso desse termo “pós-modernidade” é utilizado para designar as transformações da cultura que afetaram os jogos da ciência, artes e a literatura no final do século XIX em diante (2009).

Um dos setores em maior evidência na pós-modernidade é a cultura. De acordo com Sá (2006, p. 51), “A cultura torna-se um produto essencial no funcionamento do capitalismo, a indústria cultural é uma máquina registradora que opera baseada no consumo de uma cultura de massa”. Todavia, cabe destacar que foi além do campo cultural, assim, chegando também à economia, filosofia, política etc. (FRIDMAN, 1999).

Friderick Jameson⁷ em “Pós-modernidade e sociedade de consumo” (1985), pontua duas principais características da pós-modernidade: pastiche e “esquizofrênica”. O primeiro é abordado como uma paródia sem senso de humor; uma imitação de um estilo, mas sem as motivações ocultas da paródia: a “transformação da realidade em imagens” (p. 26). E “esquizofrênica” pela forma da relação estabelecida com o tempo, não há uma noção de temporalidade e, assim, uma “fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos” (p. 26).

Essa nova dinâmica de relação com o tempo e o presente perpétuo provocam mudanças nas vivências dos indivíduos com essa questão. A memória e o passado saem do foco das pessoas, surge o presente e a instantaneidade de forma centralizada e o “tempo” transforma-se em “falta de tempo” (AZEVEDO, 2013).

⁷ Friderick Jameson é um crítico literário e teórico marxista.

Na pós-modernidade, além da quebra dos metarrelatos, surgem algumas particularidades que diferem do período anterior, como a indiferença às questões coletivas e um consumismo exacerbado, mostrando a amplitude de influência em vários campos. Uma das maiores preocupações é em consumir sem refletir sobre as consequências dessas “compulsões”, que contribuem cada vez mais para o individualismo e enfraquecimento dos laços sociais como tentativas de proteção (COLOMBO, 2012).

Enquanto na modernidade, as sociedades se conduziam segundo os preceitos do Iluminismo, a pós-modernidade pode ser analisada como uma época dos excessos, do presente perpétuo, dos momentos breves de fama que podem provocar diversos adoecimentos psíquicos e fragilidade nas relações interpessoais (COLOMBO, 2012). A partir dessas características elencadas, fica o grande questionamento: Como todas essas características e mudanças podem influenciar a subjetividade humana?

3. SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA - IMPORTÂNCIA DE SEU ESTUDO

*As grades do condomínio
São pra trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão
(O Rappa – Minha Alma)*

Nesta etapa de discussão, recorrer-se-á a diversos autores para sustentar as reflexões explicitadas, mas será embasada principalmente pelas obras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Esse autor premiado e reconhecido mundialmente publicou mais de 50 obras e faleceu em 2017, deixando um grande legado para os estudos da contemporaneidade.

Em uma entrevista para o portal “IstoÉ” (PRADO, 2017) Bauman caracteriza a “modernidade líquida”: devido às características da contemporaneidade de incerteza e constantes mudanças, recebe essa denominação, pois o estado líquido está deliberadamente impedido de se solidificar. Enquanto vive-se a modernidade líquida, a etapa social anterior é denominada pelo autor como modernidade sólida, assim contrapondo-se às características presentes na atualidade.

Compreender e analisar os possíveis impactos do atual estilo de vida não é algo a se “fazer por fazer”. Essas ações podem e devem estar com um compromisso ético-político para a garantia de direitos, construção de políticas públicas e compreensão dos possíveis impactos sobre a saúde física e mental e assim, minimizá-los e preveni-los.

3.1 Individualismo

Enquanto na modernidade sólida há uma homogeneidade bastante presente e até de certa maneira imposta, na contemporaneidade há uma grande modificação nesse aspecto. A descrença no Estado e sociedade contribuíram para as transferências de tarefas e deveres para os próprios indivíduos, com seus recursos (BAUMAN, 2001). Entretanto, como pontua Bauman em “Modernidade líquida” (2001): “A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente” (p. 34).

Na modernidade líquida, os interesses individuais se sobressaem em relação aos direitos coletivos, assim, constituindo uma característica importante e que diferencia esse período do anterior. Nesse período, assim como no anterior, o indivíduo é centralizado; entretanto é importante destacar que há uma indiferença com assuntos de interesses coletivos: os sujeitos estão voltados para si e para seus próprios interesses (VIEIRA; STENGEL, 2010). Além dessa questão dos interesses coletivos, as pessoas são responsabilizadas individualmente, ou seja, houve uma fragmentação: o que anteriormente era da natureza humana e coletiva (tarefas e deveres), agora é individualizado para que cada um administre (BAUMAN, 2001).

Para que o leitor tenha uma dimensão dessa questão individual x coletivo, será apresentado a seguir um exemplo usado por Bauman em “Modernidade Líquida” (2001). A analogia usada como exemplificação seria de um acampamento de trailers em determinado local aberto e próprio. Os motoristas podem adentrar ao local (cada qual com seu trailer e dinheiro para o aluguel do espaço), todos têm a sua própria “casa” equipada com diversos equipamentos; os visitantes querem ser deixados em paz e em troca não desafiam a autoridade dos proprietários; ocasionalmente podem desejar serviços melhores e até mesmo fazer reclamações.

Com essa maior responsabilização individual e o coletivo perdendo sua centralidade, há uma espécie de “despolitização social”: o mundo privado coloniza o espaço público e o Estado não age tão diretamente nessa esfera particular como antigamente (AZEVEDO, 2013). Nessa analogia, as pessoas pagam e usam o espaço, cada uma faz o que quer e tem o que deseja (desde que não perturbe seu próximo), não se comprometem com o coletivo.

3.2 Relações efêmeras

A modernidade líquida também gerou mudanças nas formas e nas constituições de relações entre as pessoas. Bauman faz diversas reflexões e apontamentos sobre essa “problemática” em sua obra intitulada “Amor Líquido”, que foi lançada no Brasil pela primeira vez em 2004.

O termo “Amor Líquido” foi elaborado pelo autor e expressa as características das relações contemporâneas. Entre elas destacam-se: relações de curta duração e duráveis até o momento em que ambas as partes estejam satisfeitas, sentimento de

insegurança, fragilidade das relações, padrões dos relacionamentos cada vez mais baixos, uma visão dos relacionamentos como uma mercadoria que deve proporcionar prazer e é descartável após a ausência do desejo, uma busca incessante por satisfação, etc (BAUMAN, 2004; BAUMAN, 2001).

O autor, antes de iniciar em “Amor Líquido” (2004) suas considerações sobre os relacionamentos humanos, explicita com um exemplo sobre “shopping center” na subjetividade contemporânea. Hoje em dia as pessoas compram para saciar seus impulsos; o desejo necessita de tempo e investimento para crescer: assim, torna-se insustentável na época da instantaneidade, de acordo com o Bauman, citando Harvie Ferguson.

É sabido que satisfazer aos impulsos trata-se de algo transitório e que não provocará consequências duradouras a ponto de impossibilitar novos momentos de prazer (BAUMAN, 2004). E, no campo das relações, seguir os impulsos no lugar dos desejos possibilita uma grande abertura para que surjam novas relações e parcerias, podendo ser mais satisfatórias; os relacionamentos seguem o mesmo padrão do shopping, onde deve haver o prazer instantâneo e “eminente descartável” (BAUMAN, 2004, p. 27).

A modernidade líquida gerou mudanças na subjetividade ao ponto de transformar a relação de um indivíduo com o seu próximo e até mesmo com a sua cidade. A sensação de insegurança e um medo onipresente vêm-se tornando cada vez mais comuns. Bauman em “Tempos Líquidos” (2007), apresenta certas características das cidades contemporâneas que estão se tornando comuns em seus modos de estar no mundo:

A guerra contra a insegurança, e particularmente contra os perigos e os riscos à segurança pessoal, agora é travada dentro da cidade, onde se estabelecem os campos de batalha urbanos e se traçam as linhas de frente. Trincheiras fortemente armadas (acessos intransponíveis) e bunkers (prédios ou complexos fortificados e rigorosamente vigiados) destinados a separar, manter a distância e impedir a entrada de estranhos estão se tornando rapidamente um dos aspectos mais visíveis das cidades contemporâneas — embora assumam muitas formas, e ainda que seus idealizadores façam o possível para misturar suas criações à paisagem da cidade, “normalizando” desse modo o estado de emergência em que seus moradores, viciados em proteção, mas sempre pouco seguros em relação a ela, vivem seu dia a dia (BAUMAN, 2007, p. 69).

Faz-se necessário ampliar nossa discussão da relação “indivíduo-cidade” que também sofreu impactos da contemporaneidade. Como explicita Bauman (2007), a nova “geografia” urbana separa dentro das cidades pessoas com poder aquisitivo “daqueles considerados socialmente inferiores” (p. 130). A insegurança existencial, incerteza em relação à vivência no futuro e a fragilidade (características marcadas da modernidade líquida) são orientadas para preocupações e a própria segurança individual, com isso impulsionando cidades que permitam ao indivíduo estar apenas fisicamente presente (BAUMAN, 2004).

3.3 Eu e o outro

Desde 2020, o mundo vivencia uma pandemia do coronavírus que impactou diversos setores da sociedade além da saúde. Milhares morreram, comércio e economia foram impactados, milhões de “recuperados” que carregam sequelas que impactam em sua qualidade de vida e aumento da fragilidade de garantia dos direitos sociais básicos mesmo com um crescimento do PIB, dados mostram os grandes índices de pobreza (HESSEL, 2021).

De acordo com o levantamento “Mapa da Desigualdade 2020”⁸ realizado pela “Rede Nossa São Paulo” e pelo “Programa Cidades Sustentáveis”, a capital paulista, apesar de sua riqueza monetária, é um local que apresenta diversos graus de desigualdade social. Um exemplo explícito desse desnivelamento: enquanto no Jardim Paulista⁹ a média da expectativa de vida chegou aos 81 anos, no Jardim Ângela¹⁰ essa média é de 58 anos.

Essas e outras variáveis sociais como raça, etnia, gênero e outras são de extrema importância ao analisar a subjetividade contemporânea. Bauman (2007), discute a popularidade de imóveis em condomínios fechados que proporcionam qualidade de vida não encontrada nas cidades; contraditoriedade por proporcionar uma moradia dentro da comunidade, mas moralmente longe da mesma; e um isolamento, ou seja, distância dos “socialmente inferiores” (p. 72).

⁸ Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-MAPAS-site-1.pdf>

⁹ Bairro nobre da cidade de São Paulo.

¹⁰ Bairro da periferia da cidade de São Paulo.

Pessoas com menor poder de consumo, em uma sociedade líquida, podem ser vistas de forma estigmatizada e com pouco valor conforme apresentado anteriormente. Assim como espaços públicos cada vez mais ficam preteridos. Os moradores que se “aprisionam” dentro de suas propriedades privadas não medem esforços e dinheiro para se manterem nesse espaço e longe desse lugar e das pessoas que estão para além da cerca de suas propriedades (BAUMAN, 2007).

Essas questões apresentadas mostram que as diversas variáveis sociais existentes podem implicar em modos de vida diferentes para os indivíduos. Assim, é importante como pontapé inicial uma discussão mais geral acerca desse conceito complexo que é a “modernidade líquida”; entretanto, é de suma necessidade pontuar que nem todos vão vivê-la de forma homogênea e destacar a importância de estudos com recortes para que as minorias sociais não continuem na invisibilidade e marginalidade. Faz-se necessário pontuar que é o homem branco e heterossexual que é reconhecido como padrão, com isso, provocando uma série de efeitos em grupos sociais que fogem dessa norma como negros, mulheres, indígenas e a população LGBTQIA+, etc (VEIGA, 2018).

4. PSICODRAMA

*Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face,
E quando você estiver perto arrancarei seus olhos
E os colocarei no lugar dos meus;
Arrancarei os meus olhos e os colocarei no lugar dos seus;
Então verei você com os seus olhos
E você me verá com os meus olhos.
(J. L. Moreno, 1914)*

Antes de iniciar a discussão sobre os psicodramas públicos, faz-se necessário uma breve introdução sobre essa abordagem que foi criada pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno. O psicodrama entende que toda pessoa é um ser social, ou seja, nasce em sociedade e com fatores indissociáveis do comportamento humano: espontaneidade, fator tele e criatividade (ALMEIDA, 1990).

A espontaneidade é a forma que o homem age no mundo, sem estar preso a estereótipos; consegue entrar de forma sintonizada com o momento e reagir com respostas novas a situações novas (FÉO, 1990). Em relação a Tele, é a possibilidade de perceber/sentir de maneira objetiva o que se passa entre as pessoas e nas situações vividas (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988). E, em relação à criatividade, ela é indissociável da espontaneidade, pois é a partir dessa relação que a segunda consegue ser posta em “ação” e, assim, dar vazão ao potencial criativo (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988).

Ao falar em espontaneidade na teoria moreniana, faz-se necessário apresentar o termo “conserva cultural”. Esse conceito refere-se a produtos de uma criação que se cristaliza. Ou seja, quando comportamentos e objetos materiais se conservam idênticos, ocorre a cristalização e se tornam as conservas culturais (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988).

J. L. Moreno foi um psiquiatra romeno e há controvérsias em relação à sua data de nascimento, entretanto pesquisas indicam que foi no ano de 1889. Logo no início de sua infância, mudou-se com sua família para Viena. Entre 1910 e 1920, houve diversos momentos marcantes e decisivos para a criação do psicodrama: início e formação nos estudos da medicina e psiquiatria, formação da “Religião do Encontro” com um grupo de amigos, trabalho com crianças nos jardins de Viena e com prostitutas (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988).

Em 1º de abril de 1921 ocorre o primeiro psicodrama oficial. Apesar de sua originalidade, os modelos de trabalho do Moreno não foram muito bem recepcionados pela crítica. Diante das dificuldades, partiu para a criação do “jornal vivo¹¹” e realizar os teatros espontâneos¹² com pacientes psiquiátricos (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988). EM 1923 iniciou o que ficou conhecido como o início do “Teatro Terapêutico” com o caso “Bárbara e Jorge¹³” (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988).

Com o passar dos anos, J. L. Moreno emigra para os EUA: com isso, o psicodrama se expande e passa a estar presente fora do continente europeu pela primeira vez. Conforme foi ganhando popularidade, o psicodrama foi se estabelecendo como uma vertente da psicologia e conquistando estudiosos de várias partes do globo que deram e ainda vão dar continuidade à teoria e às técnicas.

O primeiro registro da presença do psicodrama em território nacional foi com Guerreiro Ramos no Rio de Janeiro com o Teatro Experimental Negro (TEN) entre as décadas de 40 e 50: assim, essa vertente surge no Brasil a partir de um movimento social contra o racismo (NASCIMENTO, 2020 & MOTTA; ESTEVES; ALVES, 2011).

Em 1978 a FEBRAP realiza o I Congresso de Psicodrama sediado em um município do estado de São Paulo. Desde então os congressos nacionais de psicodrama ocorrem a cada dois anos em diversas partes do país e contam com a participação de psicodramatistas, estudantes e interessados em geral.

Um dos últimos e importantes pontos a serem destacados do psicodrama no Brasil está relacionado ao XI Congresso Brasileiro de Psicodrama em 1998. Nesse evento, houve a participação mais que especial para o psicodrama brasileiro que foi a presença de Zerka Moreno, esposa de Jacob Levy Moreno.

¹¹ Técnica criada por J. L. Moreno onde a proposta é que as pessoas dramatizem alguma ou parte de uma notícia.

¹² Trabalho desenvolvido pelo criador do psicodrama cuja finalidade é dar vazão à espontaneidade.

¹³ Através do caso Bárbara e Jorge, Moreno foi estruturando sua teoria ao perceber os potenciais terapêuticos.

4.1 Psicodramas públicos

Os primórdios do psicodrama são diferentes de como o imaginário social espera. Não se iniciou dentro de um laboratório tampouco ocorreu dentro de clínicas, hospitais ou centros de saúde. Moreno, em sua juventude, realizou trabalhos coletivos e públicos que foram alguns dos pontapés iniciais para o desenvolvimento de sua teoria, ou seja, desde sua origem, essa abordagem ocupa os espaços públicos e integra os mais diversos participantes:

- Realização de jogos de improviso com crianças nos jardins de Viena;
- Trabalho com prostitutas vienenses com a utilização de técnicas grupais;
- Trabalho no campo de refugiados sendo observadas as interações psicológicas (GONÇALVES; WOLFF, ALMEIDA, 1988).

Logo nos primeiros registros do Psicodrama do Brasil com Guerreiro Ramos no Rio de Janeiro, é importante destacar que a prática do psicodrama público já esteve presente (MOTTA; ESTEVES; ALVES, 2011). Cabe pontuar que o sociodrama foi elaborado no século passado por Moreno e é reconhecido como um dos métodos sociátricos usados em tratamentos de grupos, relações intergrupais e em pesquisas (CONCEIÇÃO; AUAD, 2010).

Após esse início da vertente no país, o próximo psicodrama público no Brasil de que se tem conhecimento só ocorreu em 1984 em São Paulo ligado ao movimento “Diretas Já¹⁴” (MOTTA; ESTEVES; ALVES, 2011). Com o passar dos anos, algumas instituições/grupos passaram a ofertar psicodramas públicos abertos para a população como o CCSP em São Paulo, FEBRAP em Diadema e outros.

Além do Brasil, os psicodramas públicos se destacam no exterior também. Em 1967 no V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, Rojas Bermúdez¹⁵ dirigiu um psicodrama público cujo impacto foi tanto que culminou na criação nos primeiros grupos de formação em psicodrama no início do ano seguinte (MOTTA; ESTEVES; ALVES, 2011).

Nos “psicodramas públicos¹⁶” diferentemente dos terapêuticos, geralmente é o grupo que se torna o protagonista das dramatizações. Entretanto, apesar de esse

¹⁴ Foi um movimento social que buscava o direito ao voto direto nas eleições para o cargo de presidente da república, ocorrido no período da ditadura militar.

¹⁵ Psicodramatista argentino de grande importância na produção e divulgação de conteúdo da abordagem.

¹⁶ Por questões didáticas, a autora optou em utilizar os termos “psicodrama público” e “sociodrama” como sinônimos. Foi selecionado esse critério pois ambos possuem as mesmas características de

ser o esperado em um espaço e grupo aberto, pode ocorrer de emergir algum protagonista dentro dessa grupalidade. Além do protagonista, os psicodramas públicos seguem uma ordem semelhante ao de um psicodrama terapêutico com aquecimento inespecífico e específico, momento da dramatização e compartilhamento ao final.

De acordo com Nery e Conceição (2005), o sociodrama tem como um dos objetivos entender os processos grupais em uma situação e/ou problema a partir da interação entre as pessoas. Com a construção desse espaço, é esperada uma expressão dos participantes e discussão sobre possíveis resoluções de conflitos (NERY; CONCEIÇÃO, 2005).

Segundo Kellerman (1998 *apud* NERY; CONCEIÇÃO, 2005), existem sociodramas com três tipos de aplicações diferentes (crise, político e de diversidade):

O sociodrama da crise tem o foco social sobre o trauma, a teoria social é a da adaptação e o ideal social é a homeostase. Busca-se ajudar o grupo a enfrentar melhor as tensões sociopsicológicas e a encontrar novo equilíbrio social. O sociodrama político tem o foco social sobre a desintegração; a teoria social é a do conflito e o ideal social é a igualdade. O tema é a desintegração social, a estratificação e a desigualdade como manifestações de conflitos socioeconômicos. Busca-se impulsionar a sociedade na direção de maior justiça e equidade sociais. O sociodrama da diversidade trabalha com conflitos advindos de estereótipos, preconceitos, racismo, intolerância, estigmatização e/ou atitudes negativas contra pessoas por serem diferentes. Busca-se transcender as diferenças que freqüentemente compartimentalizam a humanidade em grupos mutuamente exclusivos e isolados (NERY; CONCEIÇÃO, 2005, p.138).

De acordo com Motta, Esteves e Alves, (2011), os psicodramas públicos possuem finalidades variáveis como: divulgação da própria abordagem; possibilidade de exercitar a espontaneidade e criação; inspeção do coconsciente e inconsciente¹⁷ em relação a uma temática; proporcionar a catarse e diversão; aprendizagem; e exercício da cidadania ao se constituir um grupo de pessoas voltados para um tema que as mobilizem.

O criador do psicodrama, Moreno, pontuou as vantagens da terapia em grupo em relação à individual, assim considerando a segunda como um ambiente mais afastado do que de fato ocorre no mundo em comparação com a de grupo (KNOBEL, 2004 *apud* BATISTA; NASCIMENTO; VALVASSORI, 2020). Isso traz uma reflexão

funcionamento: agrupamento de pessoas aberto e em um espaço público, onde se realizam as dramatizações com as técnicas morenianas e o grupo sendo protagonista.

¹⁷ Esse conceito é relacionado com sentimentos, fantasias e até mesmo vivências que são comuns com mais de uma pessoa (FÉO, 1990).

sobre a importância que Moreno observava sobre os trabalhos que envolvessem os coletivos humanos.

Em suma, sociodramas/psicodramas públicos concedem um contato mais próximo à dinâmica relacional desses grupos, com isso, permitindo que a interação grupal seja um dos principais focos de investigação (CONCEIÇÃO; AUAD, 2010).

4.2 Psicodramas públicos: Possibilidades para trabalhar as questões sociais

No artigo de Zampieri (2011), a autora apresenta que nos anos 80 os temas em alta nos psicodramas públicos transitavam entre HIV e a Aids: violências de gênero, uso de algumas drogas injetáveis, gays, trabalhadores do sexo, etc. Os psicodramas públicos nessas temáticas permitiram que temas importantes para a sociedade fossem trabalhados; estes muitas vezes são invisibilizados e marginalizados por poderes/setores sociais que impediam que a população tivesse acesso a informações acerca da sexualidade e/ou educação sexual (ZAMPIERI, 2011).

Conceição e Auad (2010) realizaram um sociodrama com o tema sobre gênero com universitários de psicologia. Com a atividade proposta, as autoras notaram que houve uma mudança e surgimento de questionamentos nos alunos, pois anteriormente havia um consenso sobre a existência de uma igualdade de gênero; após a vivência os alunos mostraram “suas conservas culturais e sociais, ou seja, a real maneira como se comportam na relação com o outro” (CONCEIÇÃO; AUAD, 2010, p.139).

Em um sociodrama com o tema sobre raça e cotas raciais, um outro grupo de universitários participou (NERY; CONCEIÇÃO, 2005). O grupo se dividiu em dois, sendo que um era composto por pessoas que eram contra e outro a favor das cotas raciais. Ao final desse encontro, o grupo que se identificava contra essa política teve a oportunidade de repensar seus conceitos cristalizados e alguns revisaram suas opiniões (NERY; CONCEIÇÃO, 2005).

Com isso, podemos refletir sobre a importância dos sociodramas nas discussões sociais e como podem impactar os indivíduos participantes. De acordo

com Moreno 1975 *apud* VIEIRA, 2016 p. 64),¹⁸ “o Psicodrama possui como fundamento filosófico a ideia de que o ser humano não pode ser reduzido à condição de peça de engrenagem, sem a participação ativa e atuante nas situações nas quais está imerso”. Esses espaços coletivos dos psicodramas públicos são oportunidades para o indivíduo estar ativo e fazer um resgate de sua espontaneidade que pode estar alienada ocasionado pelas conservas culturais presentes na sociedade.

Atualmente, com a pandemia de COVID-19 no Brasil, algumas instituições que ofereciam psicodramas públicos presenciais para a comunidade conseguiram adaptá-los a um modelo virtual.

¹⁸ Devido à pandemia de covid-19, a autora não teve acesso aos livros do criador do Psicodrama. Com isso, fez-se necessário a utilização de conteúdos acadêmicos e científicos encontrados on-line.

5. MÉTODO

Esse trabalho tem como objetivo a compreensão das possíveis contribuições dos psicodramas públicos para a subjetividade contemporânea. A autora utilizará conceitos trabalhados por Bauman em suas obras sobre a modernidade líquida para caracterizar a subjetividade contemporânea a partir de cenas de psicodramas públicos organizadas em um documentário. Será utilizado como procedimento técnico uma análise documental, ou seja, serão analisados trechos da obra “Cidade Subjetiva” dirigido por Gabriela Greeb. Esse tipo de análise “compreende a identificação, a verificação e apreciação de documentos” (MOREIRA, 2005, p. 271). Segundo a autora, é um recurso que pode ser utilizado para obtenção de informações.

O critério de seleção do documentário foi o fato do mesmo apresentar cenas de psicodramas públicos realizados na cidade São Paulo em 2001, com isso sendo possível uma análise real das subjetividades contemporâneas em ação. O documento é de fácil acesso, ou seja, basta pesquisar o título em qualquer buscador de internet que será possível assisti-lo on-line.

O modelo de pesquisa adequado é o estudo qualitativo-descritivo. A pesquisa descritiva tem como foco a descrição das particularidades de um determinado grupo ou fenômeno ou na constituição de relações entre variáveis (GIL, 2002). Já o trabalho científico qualitativo segue normas diferentes dos estudos experimentais e das ciências da natureza (CHIZZOTTI, 2000). Por se posicionar de forma contrária aos estudos das ciências da natureza e experimentais, os acadêmicos optam pelo método clínico e histórico-antropológico, pois este apresenta uma maior possibilidade de alcançar “os aspectos específicos dos dados e acontecimentos no contexto em que acontecem” (CHIZZOTTI, 2000, p. 79).

Conforme Minayo (2009) explicita, uma produção de pesquisa qualitativa consegue responder a questões particulares que não seriam possíveis a partir de modelos quantitativos, apesar de haver tentativas: “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, e que é objeto da pesquisa qualitativa, dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2009, p. 21).

5.1 Discussão e resultados encontrados

5.1.1 Resumo

O documentário “Cidade Subjetiva” (2003) dirigido por Gabriela Greeb reúne cenas de diversos psicodramas públicos ocorridos na cidade de São Paulo em março de 2001. Esse grande evento ocorreu graças a uma iniciativa da prefeitura com a recém-eleita Marta Suplicy representando o partido PT.

A proposta era que ocorressem sociodramas que ficaram conhecidos como “psicodrama da ética” ou “psicodrama da ética e cidadania”. Um dos psicodramatistas participantes desse marco, Antonio Carlos Cesarino, informa à Folha de São Paulo um dos objetivos sobre o evento “Queremos que as pessoas assumam o papel de co-responsável pelo que está acontecendo na cidade” (BIANCARELLI, 2001).

Foi no dia 21 de março de 2001 que ocorreram os sociodramas da cidadania em 160 pontos da cidade, ou seja, dos bairros nobres até as periferias, com o apoio de 700 psicodramatistas. Os espaços escolhidos foram os mais diversos: praças públicas, bibliotecas, UBSs, etc.

A obra mostra cenas dos sociodramas públicos em diferentes momentos, com isso, é possível perceber como cada um que ocorreu foi único. No início, mostra uma cena ocorrida na praça da Sé com um trabalhador fazendo queixas às exigências de alta escolaridade para cargos profissionais. Ao final, há um trecho sobre um morador de uma praça na Freguesia do Ó sobre o racismo vivido cotidianamente.

É importante ressaltar que o documentário não segue uma ordem com início, meio e fim definidos. As cenas capturadas são de sociodramas diversos e em momentos diferentes, assim, mostrando a riqueza das produções humanas espontâneas.

5.2 Resultados

Primeiramente serão apresentados trechos de dois psicodramas públicos que estão presentes em “Cidade Subjetiva”. As cenas selecionadas seguiram o critério de serem cenas de sociodramas mais longas, ou seja, que possibilitassem uma análise mais real do que ocorreu nesses dois encontros. Após essa etapa, será iniciada uma

análise e discussão desses momentos descritos, articulando-os com o embasamento teórico apresentado nos capítulos anteriores.

Os trechos selecionados do documentário são de dois psicodramas públicos em dois bairros distintos do município de São Paulo. O primeiro foi gravado na Freguesia do Ó, localizada na zona norte, e o segundo, no Jardim Aracati, na zona sul.

5.3 Primeiro sociodrama

As cenas se passam em um sociodrama “da ética” ocorrido em uma praça pública no bairro Freguesia do Ó. O grupo é composto por homens e mulheres, majoritariamente adultos e alguns informaram serem moradores da região.

5.3.1 Primeiro momento:

“[...] olhem o que vocês gostam e não gostam dessa cidade... o que podemos fazer por essa cidade?” – Pergunta um homem com o microfone em mãos

“eu acho que uma das coisas que assustam um pouco a gente que mora na freguesia do Ó é o medo” - Respondeu outro senhor.

“A gente vem aqui, passa as horas mesmo pra moçada e nós vivemos disso” – Falou uma senhora.

Nessa hora há uma separação de grupos e um deles “representa” o medo. O grupo medo citado anteriormente “desaparece” no meio da dramatização.

“o grupo do medo sumiu, vocês perceberam? Quando a gente descobre, quer dizer, e a gente descobre a nossa potência, o medo some” – Fala da diretora do sociodrama.

5.3.1.1 Segundo momento:

Nessa fase, todos os participantes do sociodrama estão em uma grande roda e quem quisesse falar algo, anunciava seu discurso pelo microfone que passava de mão em mão.

“As pessoas não confia na gente, né, pensa que a gente tem cara de ladrão, mas a gente não é ladrão. A gente pode até ser...(pausa) feio por fora, mas por dentro você

é bonito, limpo e as pessoas não confia na gente” – Anuncia um senhor no microfone, morador da praça.

“eu, eu, eu já chorei aqui...acho que algumas pessoas viram... na hora que vi o amigo colocando o preconceito que ele sente na pele e isso me emocionou porque a gente realmente às vezes sente, a gente tem realmente medo, medo de criança e isso dói. Então, acho que a gente vai ter que exercitar isso aqui sim. Aqui, eu digo não só na praça, é lá no portão de casa de quem passa, é dentro do carro e no nosso dia a dia. É o ser a praça mesmo” – Responde uma outra senhora.

“é isso aí mesmo, a gente se sente ameaçado, mas Deus está conosco e a gente sabe o que a gente faz da vida da gente, mas um dia a gente vai se encontrar, mas um dia a gente vai se encontrar em vários lugares... e na praça... e em outras praças também” – Novamente, com o microfone em mãos, o senhor morador da praça responde.

“Você mora na praça?” - Pergunta a diretora.

“Moro”.

“Ah, então é você que toma conta dela”. - Respondeu a diretora.

“Ele é o dono da praça, nós que somos os invasores” – Alguém do grupo fala em voz alta e todos riem.

Continuam o compartilhamento:

“Eu quero vir todas as noites aqui na praça”

“Eu quero morar nessa praça” – Ambas as falas emitidas por diferentes mulheres da roda.

“Nós todos estamos aqui reunidos, mas pela união e de bom coração” – Finalizou um homem idoso que se integrou ao coletivo.

5.4 Análise e discussão do psicodrama público da Freguesia do Ó

Os trechos dos sociodramas da praça pública da Freguesia do Ó convidam-nos a pensar em como a subjetividade contemporânea é moldada pelo medo do outro, pela apreensão que os espaços públicos provocam. Uma das primeiras características a serem ressaltadas é em relação ao individualismo que se mostra de uma forma não tão explícita, mas que ainda assim, marca a sua presença na forma como as pessoas vivenciam essa “coletividade”.

Uma das primeiras características que afetaram a forma do sujeito de se relacionar com o coletivo é uma das maiores particularidades da pós-modernidade: descrença no Estado e sociedade. Isso provoca uma alteração em relação à dinâmica dos deveres e responsabilidades que anteriormente eram pautadas em cenas coletivas, mas que foram individualizadas para que cada um se articule com recursos próprios (BAUMAN, 2001).

No primeiro momento do sociodrama, há uma participante que comunica a todos *“A gente vem aqui, passa as horas mesmo pra moçada e nós vivemos disso”*. Esse movimento de passar e apenas “dar as horas” para moçada configura uma das características da modernidade líquida: o individualismo. As pessoas não querem e nem desejam sair de seus espaços privados e arriscar um contato mais direto com o outro e uma ocupação verdadeira e espontânea desse espaço público (BAUMAN, 2007).

Além dessa questão sobre a superficialidade e o interesse voltado para si, é possível pontuar mais uma temática surgida a partir da fala dessa senhora no sociodrama: Falta de tempo/instantaneidade. Como aponta Frederick Jameson (1985) e Azevedo (2013), há um estabelecimento de temporalidade com um “presente” eterno, uma instantaneidade compulsiva que leva os indivíduos a sentirem uma “falta de tempo” persistente.

No segundo momento, o morador da praça, que aqui o chamaremos de “guardião¹⁹”, relata o preconceito vivenciado cotidianamente: *“As pessoas não confia na gente, né, pensa que a gente tem cara de ladrão, mas a gente não é ladrão [...]”*. A partir dessa fala, é possível discutir outra particularidade recorrente na constituição subjetiva atual que é a forma de se relacionar entre o “eu” e o “outro”.

Bauman (2007) aponta uma tendência da modernidade líquida que é em relação ao desejo de se isolar da comunidade, mesmo estando dentro das cidades e de um distanciamento de outros, considerados inferiores. A fala do guardião explicita claramente que pelo fato de não pertencer ao grupo hegemônico da sociedade (alguém com moradia própria, com poder de consumo e trabalho, etc), muitas vezes é invisibilizado, excluído e até mesmo temido por quem está à sua volta.

¹⁹ No documentário as pessoas não são identificadas pelos nomes, por isso a autora resolveu criar essa forma de identificação para facilitar a compreensão do leitor.

O Brasil é um país marcado pelo racismo estrutural, machista e LGBTQIA+fóbico e para se ter dimensão desses fenômenos, basta analisar estatísticas realizadas sobre feminicídios, desigualdades sociais entre brancos e negros, etc. É imprescindível uma análise crítica para que tais comportamentos não sejam naturalizados e também refletir em como as subjetividades contemporâneas vão sendo constituídas em um contexto social com essas variáveis em jogo onde a norma, a partir da qual os outros são avaliados, é o homem jovem, branco, cisgênero e heterossexual (VEIGA, 2018).

No início desse sociodrama, foi feita a pergunta “[...] olhem o que vocês gostam e não gostam dessa cidade... o que podemos fazer por essa cidade?”, o que possibilitou uma mobilização coletiva. Após a fala do Guardião sobre os julgamentos vivenciados e com o discurso de uma senhora do grupo, é possível apreender de sua narrativa, a possibilidade de uma escuta empática a esse “outro”, que em diferentes espaços novamente não seria ouvido: *“eu, eu, eu já chorei aqui...acho que algumas pessoas viram... na hora que vi o amigo colocando o preconceito que ele sente na pele e isso me emocionou porque a gente realmente às vezes sente, a gente tem realmente medo, medo de criança e isso dói”*.

Além da empatia, pode-se observar uma ressignificação do espaço público: *“Eu quero vir todas as noites aqui na praça”* e *“eu quero morar nessa praça”*. No início, a praça e o seu entorno são descritas como locais de pouca segurança ou de breves passagens; após o sociodrama que mobilizou, integrou e fez-se com que todos os presentes falassem e fossem ouvidos uns pelos outros, a praça recebe um novo significado como finaliza um senhor: *“Nós todos estamos aqui reunidos, mas pela união e de bom coração”*.

A atividade e as falas dos participantes mostram o início de uma conscientização dos papéis cristalizados pelas conservas culturais. A modernidade líquida provoca nos cidadãos um sentimento de não pertencimento às coletividades, e ao final com as falas *“eu quero vir todas as noites aqui na praça”* e *“eu, eu, eu já chorei aqui [...]”*, evidenciam o início de um reconhecimento de como o “outro” e a praça são vistos e vivenciados pelo medo, insegurança, etc. No artigo de Conceição e Aud (2010), vemos que pelo psicodrama público, os universitários puderam observar e tomar consciência de suas percepções cristalizadas em relação às questões de gênero, assim, mostrando que esse recurso do psicodrama auxilia na tomada de

consciência dessas percepções/attitudes cristalizadas, assim, podendo iniciar um processo de mudança nos indivíduos.

O sociodrama proporcionou um encontro de diferentes subjetividades convocadas para pensar e expor suas afetações e ideias sobre o espaço público (praça). E através das falas finais de alguns participantes, podemos refletir sobre a importância desse espaço acessível à comunidade, que promove a reflexão sobre questões de importância coletiva e de mobilização para futuras ações.

5.5 Segundo sociodrama

O sociodrama “da ética” do Jd. Aracati ocorreu em um imóvel plano e com bastante iluminação natural. Nesse espaço havia diversas cadeiras espalhadas em uma roda com uma pessoa sentada em cada.

5.5.1 Primeiro momento

O diretor solicita que os participantes se levantem e formem uma roda de mãos dadas. Depois, todos se separam e caminham sem direção até que eles devem tentar segurar as mãos de seus parceiros de antes: forma-se um “nó” humano.

Posteriormente à formação desse nó humano, o diretor orienta que todos tentem “desmanchar” o nó, mas sem poder soltar as mãos uns dos outros. Após um tempo, com tentativas de erros e acertos, o grupo finalmente alcança o objetivo final. Posteriormente ao encerramento desse momento, todos permanecem em roda e fazem uma “ciranda” dançando e cantando conjuntamente.

“[...] A segurança também tem que partir dele próprio. A segurança vem a partir do cidadão de um modo geral, se unindo. As pessoas ficarem unidas umas às outras, sair um pouco do seu reduto familiar e se unir as outras”: Esta foi a fala de uma senhora do coletivo após o término da ciranda.

5.5.1.1 Segundo momento

“Acho que você começar a fazer alguma coisa, começar a resolver um problema que tá mais, mais próximo, eu acho que já é fazer alguma coisa. E você resolvendo o mais próximo, você vai chegar à população e vai unir mais. E outro ... está um problema

que é a falta de diálogo que existe entre, um intercâmbio entre o povo e o governo. Então, aqui, hoje está acontecendo esse evento, espero que esse seja um passo. A Marta não pode trabalhar sozinha, naturalmente ela não trabalha sozinha, mas cabe a ela chamar o governo do Estado” – Disse a diretora do sociodrama

Nesse instante, a diretora se direciona ao grupo e escolhe uma pessoa para representar o papel do governador de SP.

“O governo do Estado é para resolver problemas maiores, como por exemplo a rede elétrica, o saneamento, essa parte. Então o governo do Estado se junta... aí chega o governo federal porque sim, região de manancial é governo federal”. – Novamente a diretora anuncia essa fala para o coletivo.

Outro integrante é convidado para representar o governo federal e fica ao lado do governo do Estado.

“Acho que se nós três mover a cadeira ia ser legal, né?” – Disse a integrante que representa o governo do Estado em direção a uma pilha de cadeiras caídas ao chão (obstáculo).

Com isso, Governo do Estado, Governo Federal e a diretora retiram duas cadeiras que estavam caídas ao chão.

“E a última cadeira eu acho que devia estar mais junta da comunidade” – Fala da Diretora

“Todo mundo, né?” – Responde Governo do Estado

“Democracia é isso, povo e governo” - Fala o Governo Federal

Instantaneamente, todos se levantam e vão em direção à cadeira e a levantam.

“Mais fácil” – Alguém do grupo disse

“Muito mais fácil, ficou levinha” – Finalizou a diretora

5.6 Análise e discussão do psicodrama público dado Jardim Aracati

Os dois momentos desse sociodrama remetem à questão da “falta de interesse” pelas questões coletivas (VIEIRA; STENGEL, 2010). É possível pensar nesse fenômeno a partir da fala *“A segurança vem a partir do cidadão de um modo geral, se unindo. As pessoas ficarem unidas umas às outras, sair um pouco do seu reduto familiar e se unir as outras”*. Esse discurso exemplifica a falta de “motivação” quando o assunto se refere ao “outro” não pertencente ao círculo pessoal de relações.

Os psicodramas públicos como apontado em um capítulo anterior, é um espaço com potenciais pedagógicos e de construções e reflexões coletivas (MOTTA; ESTEVES; ALVES, 2011). Pensando nisso, é um dispositivo importante e de relevância sociopolítica em um período marcado pela despolitização social (AZEVEDO, 2013), pois há algumas décadas atrás, a história brasileira experienciou a ditadura militar onde os agrupamentos de pessoas eram desestimulados justamente para que o coletivo não se fortalecesse e se mobilizasse contra aos ideais que essas instâncias previam.

Bauman (2001) apresenta que há uma maior tendência das questões que anteriormente eram reconhecidas como do campo público e social, serem individualizadas para que cada pessoa administre. A atividade ocorrida no Jd. Aracati mostra através das vivências do psicodrama público, a força da união coletiva para superação de obstáculos como o medo e em ações que possam promover melhorias para a comunidade, como no momento em que todos levantaram a cadeira e perceberam como foi mais “fácil”.

A partir das cenas desse sociodrama, pode-se pensar na fragilidade das relações e na dificuldade de estabelecimento de vínculos ao abordarem a importância da ampliação das relações interpessoais além do campo familiar (BAUMAN 2004; BAUMAN, 2001). A atividade do “nó humano”, a ciranda dançada e articulação sobre união e resolução de obstáculos juntos, explicita como a criatividade e espontaneidade presentes nesses momentos podem ser benéficas e proporcionam novos posicionamentos na sociedade e um novo olhar sobre o “outro” da comunidade. A participação é um convite ao abandono dos antigos papéis passivos das conservas culturais e, assim, pode-se ir constituindo novos, mais aderentes e ativos em sua relação com a realidade.

Novamente, o sociodrama possibilitou um encontro para discussão e reflexão ativa através das dramatizações e compartilhamentos sobre temáticas de interesse geral para a comunidade. A forma de atuação da gestão municipal, estadual e federal foram debatidas e, ao final, percebeu-se que esses poderes deslocados do povo não são consonantes com as demandas das realidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho me fez refletir sobre a importância dos trabalhos grupais e de seus possíveis resultados para a troca, construção e manutenção de vínculos e reconhecimento de si como um sujeito de direitos e aprendizados entre a comunidade. É interessante destacar que os psicodramas públicos fogem muito do campo tradicional da psicologia em um consultório com atendimentos individuais e sem possibilidade de mudanças coletivizadas além do próprio “paciente”.

Também é interessante pensar na possibilidade de “adentrar” e escutar as demandas a partir dos próprios sujeitos pelos sociodramas. Pode ser um recurso interessante para psicólogos que atuam na elaboração de políticas públicas, pois para que as políticas sejam eficazes e com aderência da população, devem estar em sintonia com a realidade do grupo.

Por questões de limitação de tempo (prazo de entrega), não foi possível realizar uma produção com algumas variáveis de grande impacto social como raça, gênero, orientação social, classe social, etc. Além disso, existem possibilidades de realizar uma análise rica a partir de outros autores da pós-modernidade. Fica a deixa para o prosseguimento dos estudos acerca da subjetividade contemporânea em suas articulações com os psicodramas públicos, para novos alunos e estudiosos.

Realizar um trabalho acadêmico de conclusão de curso em plena pandemia não foi fácil. Foi necessário muita criatividade para “superar” as dificuldades relacionadas a conciliar trabalho e estudos, cansaço, pouco material acadêmico disponível sobre os psicodramas públicos e a ausência do apoio em encontros presenciais dos amigos e pessoas queridas nos momentos de incerteza durante a pandemia.

Esse TCC foi o trabalho acadêmico mais prazeroso de ser feito justamente pelo tema ser de grande interesse para mim. Aliado a isso, em 2021 completa-se 100 anos da criação do Psicodrama por J. L. Moreno, assim, deixando esse processo ainda mais memorável e significativo.

7. REFERÊNCIAS:

ABRAHÃO, J. et al. **Mapa da Desigualdade 2020**, out. 2020.

ALMEIDA, W. C. **O que é Psicodrama**. 1ª edição: Brasiliense, 1990.

AZEVEDO, C. S. A Sociedade Contemporânea de Construção de Projetos Coletivos e de Produção do Cuidado nos Serviços de Saúde. In: Azevedo, C. S.; SÁ, M. C. (orgs). *Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013 p. 51-74.

BATISTA, M. A.; NASCIMENTO, A.; VALVASSORI, M. Análise das correlações entre os temas das sessões de psicodrama públicos do CCSP e suas manifestações na imprensa. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 81-93, ago. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932020000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jun. 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEZERRA, T. C. E. Modernidade e pós-modernidade: uma abordagem preliminar. **Textos & Debates**, n. 13, p. 176-202, 2007. Disponível: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/892>. Acesso em: 01 out. de 2020.

BIACARELLI, A. Psicodrama promove "avaliação" da cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 mar 2001. Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2103200120.htm>>. Acesso em 29 de mai de 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Biblioteca da Educação. Série 1. Vol. 16. Escola. São Paulo: Cortez, 2000.

CIDADE subjetiva. Direção: Gabriela Greeb. Produção: MC2 e Fala Preta. Brasil, 2003 (25 mim).

COLOMBO, M. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 25-39, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045393201200010004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 abr. 2021.

CONCEICAO, M. I. G.; AUAD, J. C. Compreendendo as relações de gênero por meio da vivência sociodramática. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 129-143, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045393201000020009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 mai 2021.

COSTA, A. M. N. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, p. 82-93, 2004.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo y posmodernismo**. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 2000.

FÉO, M. S. Atendimento Conjunto Pais-Criança: Uma Proposta de Trabalho Ambulatorial. In: RICOTTA, L. C. A. (org). **Cadernos de Psicodrama: Psicodrama nas Instituições**. São Paulo: Ágora, 1990 p. 15-49.

FRIDMAN, L. C. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 353-375, Oct.1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 abr. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4a. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama: Introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. 10ª edição. São Paulo: Ágora, 1988.

HABERMAS, J. **A constelação pós-nacional: ensaios políticos**. São Pulo, SP: Littera Mundi, 2001.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 17ª edição. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

HESSEL, R. **Apesar do crescimento do PIB, dados mostram que Brasil nunca foi tão desigual**. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/06/4929384-apesar-do-crescimento-do-pib-dados-mostram-que-brasil-nunca-foi-tao-desigual.html>>

JAMESON, F. Pós-modernidade e sociedade de consumo. Tradução: Vinicius Dantas. São Paulo: Novos estudos CEBRAP, 1985.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 12ª edição. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2009.

MINAYO, M. C. S.; O Desafio da Pesquisa Social. In: Minayo, M. C. S. (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, S. V. Análise Documental como Método e Técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005 p. 269-279.

MOTTA, J. M. C.; ESTEVES, M. E. R.; ALVES, L. F. Psicodrama público: um projeto social em Campinas. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 33-39, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 mai 2021.

NASCIMENTO, E. L. O Teatro Experimental do Negro: berço do Psicodrama no Brasil. In: MALAQUIAS, M. C. (org). Psicodrama e relações étnico-raciais: Diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020 p. 17-28.

NERY, M. P.; CONCEICAO, M. I. G. Sociodrama e política de cotas para negros: um método de intervenção psicológica em temas sociais. **Psicologia ciência & profissão**, Brasília, v. 25, n. 1, p. 132-145, mar. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932005000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 jun. 2021.

PRADO, A. Sociólogo polonês cria tese para justificar atual paranoia contra a violência e a instabilidade dos relacionamentos amorosos. **Isto É**, 2017. Disponível em: <[https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/">https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/)>. Acesso em: 13 mai 2021.

ROUANET, S. P. **Mal-estar na modernidade**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROUANET, S. P. **As razões do Iluminismo**. 5ª reimpressão. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

SÁ, M. G. Pós-modernidade!?: dimensões e reflexões. **Revista pós ciências sociais**, v. 3, n. 6, p. 41-60, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/809/520>>. Acesso em: 11 set. de 2020.

VEIGA, L. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5176>>. Acesso em: 27 junho 2020.

VIEIRA, E. D. O Psicodrama e a Pós-modernidade: Espontaneidade como via de resistência aos poderes vigentes. **Ver. Bras. Psicodrama**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 59-67, 2012.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Individualismo, Liberdade e Insegurança na Pós-modernidade. **ECOS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://redib.org/Record/oai_articulo1307167-individualismo-liberdade-e-inseguran%C3%A7a-na-p%C3%B3s-modernidade>. Acesso em: 10 mai 2021.

ZAMPIERI, A. M. F. Psicodramas públicos: por que e para quê?. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-47, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 maio 2021.